

MEMÓRIAS NAS NARRATIVAS ORAIS DA PROF.^a MARIA ODINÉA PINTO FLORES SOBRE OS PRIMEIROS ACADÊMICOS DE HISTÓRIA VINDOS DE OUTROS MUNICÍPIOS NO ANO 2000 A 2004. PARINTINS/AM

Bruno Oliveira Vasconcelos; Ediane de Cristo Santos

Universidade do Estado do Amazonas; brunooliveiravmaues@gmail.com, ediane.cristo@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo teve como objetivos analisar as narrativas orais da Professora Maria Odinéa Pinto Flores sobre os primeiros acadêmicos de Licenciatura em História do ano 2000 a 2004, identificando assim os sujeitos pertencentes dessa ação, verificando também como esses enfrentaram as dificuldades para concluir o curso superior e compreendendo através das narrativas orais da nossa entrevistada, a relação que esses acadêmicos tinham com seus colegas da cidade de Parintins. Optamos por uma História Oral de vida assim as narrativas da nossa entrevistada são narradas de acordo com que ela viveu no período de sua graduação, no entanto interpretando sua narração foi possível dar uma dimensão mais macro, levando assim a entender, na medida do possível, a situação vivida pelos seus colegas que também eram de outras localidades próximas ou um pouco distante de Parintins, desde seus deslocamentos tendo que viajar de barco desta forma modificando por um tempo determinado as suas rotinas no vai e vem da embarcação, suas condições financeiras, vivenciada pela Professora Odinéa, onde era preciso criar estratégia para driblar as dificuldades, a ajuda entre os munícipes era de suma importância para se estabelecer por um período na cidade do curso Licenciatura em História. A nossa entrevistada ainda tinha que se dividir entre a Universidade e sua família que estava longe de sua presença, duas preocupações enfrentadas diariamente. Desta maneira estamos construindo a história de vida de quem sabe o que é a cidade de Parintins desenvolvendo-se como uma cidade de universitários de várias localidades.

Palavras-Chave: Memórias, professora Odinéa, acadêmicos migrantes, dificuldade, distância.

INTRODUÇÃO

Abordaremos nesse artigo uma análise dos primeiros acadêmicos de história vindos de outros municípios, nos anos 2000 a 2004, dessa maneira procuraremos construir uma cronologia através dos relatos orais de somente uma entrevistada que residi atualmente na cidade de Parintins. Ao escolhermos uma pessoa para ser essa a única entrevistada temos a intenção de compreender a relação social que esses sujeitos tinham com a sua terra natal e a cidade que estudavam e assim respectivamente a socialização com seus colegas universitários parintinenses, notamos nessa narrativa que seria de importância buscar nessa pessoa suas ações, emoções, aflições e razões vividas durante a sua graduação. A cidade de Parintins durante esse processo da chegada das universidades públicas e particulares começa a ser vista e reconhecida em outras regiões municipais, não somente pelo boi, mas pela capacidade de oferecer cursos superiores, despertando assim anualmente o interesse de quem vive na cidade e também o interesse de outros munícipes vizinhos que migram e passam alguns anos na rotina acadêmica, justamente pela falta de cursos superiores e os que tinham em algumas cidades não se enquadravam no perfil desses primeiros acadêmicos de história que se viram forçados a sair do seu lugar social, migrando para outra região urbana, mudando suas rotinas diárias, tendo que se enquadrar no vai e vem da casa para

universidade e da universidade para sua casa ao mesmo tempo dar atenção para seus familiares que encontravam distante de si, já financeiramente precisavam se manter durante um prolongado tempo e culturalmente adaptando-se aos hábitos e comportamentos dos parintinenses.

METODOLOGIA

Este trabalho foi pensado para concluir uma nota da disciplina do curso de Licenciatura em História, na qual somos graduandos, o tema surgiu a partir de curiosidades sobre quem foram os primeiros acadêmicos de História e de como essas pessoas viviam neste município haja vista que este trabalho só envolve acadêmicos vindos de outros municípios no período do ano 2000 a 2004. O artigo foi planejado em cima das narrativas orais de uma das estudantes da época, e teve como tema abordado *Memórias nas narrativas orais da prof.^a maria odinéa pinto flores sobre os primeiros acadêmicos de história vindos de outros municípios no ano 2000 a 2004 Parintins/AM.*

Primeiramente houve a inquietação de saber quem foram esses sujeitos e após isto o planejamento para que houvesse a procura por esses sujeitos, com a busca nós podemos contar com os relatos da História de vida da professora Maria Odinéa Pinto Flores.

No primeiro momento encontramos uma certa resistência por parte da professora Maria Odinéa, como era de se esperar, pois nem todas as pessoas se sentem a vontade em falar, então houve uma conversa informal onde tentamos passar confiança para então conseguirmos a nossa entrevista, que era o que almejávamos.

No segundo momento trabalhamos com um questionário que a mesma aceitou responde-lo.

E no terceiro momento a entrevista oral, onde houve grande colaboração por parte da nossa entrevistada.

Concluimos este trabalho fazendo a transcrição da entrevista e escrevendo esse artigo da maneira mais delicada possível, tentando ser fiéis aos relatos da mesma. Este trabalho almejou resultados positivos permitindo a nós fazermos futuramente a continuação do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Navegar de barco no Amazonas é o meio de transporte mais comum na rotina de quem precisa deslocar-se para outro lugar, é pela força da embarcação que corta as águas que personagem reais vão aparecendo. Negociadores, parentes, filhos, primos, trabalhadores, pais de família, turistas, aventureiros, e os sonhadores que almejam buscar um lugar melhor economicamente, inserindo-se no mercado de trabalho, ou buscando profissionalizar-se em um curso superior totalmente distante do seu lugar de origem. A zona urbana de Parintins recebe diariamente um numero expressivo de embarcações, (barcos, bajaranas¹, e lanchas), trazendo pessoas de diferentes regionalidade, principalmente as vizinhas.

A nossa entrevistada professora Odinéa é uma mulher que sentiu na pele essas constantes viagens de barcos feitas de sua cidade, Maués, indo para Parintins, com um desejo de querer melhorar financeiramente, “é natural do ser humano esta em movimento, busca seus objetivos, em

¹Pequeno barco com motor de centro.

constantes aprendizados que possam somar com seus valores para que assim saiba exigir seus direitos, (CARDOSO, 2010). Nossa entrevistada opta pela área de Licenciatura em História, no ano de 2000 a UFAM, Universidade Federal do Amazonas, oferecia o curso exclusivamente para Parintins, desta maneira, juntamente com nossa entrevistada, outros universitários de municípios que cercam a região da ilha², escolhem o curso mencionado, logicamente isso iria mudar o seu dia a dia. A nossa testemunha durante a entrevista não fala dos nomes dos seus colegas não parintinenses, mas menciona cidade de alguns referindo à ajuda financeira.

Olha fomos os primeiros acadêmicos de História em Parintins e éramos vários de outras cidades, de algumas cidades havia ajuda financeira da prefeitura, como o pessoal de Nhamundá, Barreirinha, parece que Pé... Urucará, o prefeito ajudava, elas falavam pra gente, eles davam assim uma quantia pra cada uma delas até mesmo no alugue.(Maria Odinéa Pinto Flores, entrevista concebida no dia 07/07/2015).

Ao narrar à ajuda em dinheiro que alguns prefeitos ofereciam para seus conterrâneos a Professora Odinéa vai identificando para nos o lugar de origem dos seus colegas universitários, porém pelo nosso desejo de querer buscar identificar o nome desses sujeitos ao mesmo tempo sabendo que a nossa entrevistada não recordava dos seus referidos nomes a mesma sensibilizada fornece o seu convite da colação de grau que especificava cada um por município, a história oral sempre caminha junto com outras fontes que possibilitem engrandecer uma historiografia entre o passado e o presente do indivíduo (CARDOSO, 2010).

Na turma de Licenciatura em História do ano de 2000 a 2004, contando com todos na sala, somavam cinquenta universitários, divididos em treze da cidade do curso, e trinta e sete de outras, uns de regiões próximas outros um pouco longe, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará eram a localidade desses migrantes universitários. A distância de Barreirinha para Parintins é de 41.49 km em linha reta, deslocavam-se dessa região os acadêmicos Antônio Raimundo Andrade da Silva, Cleonilda de Souza Costa, Eurídice Maria Reis Gomes, Gessy Silva de Paula, Hudson Roberto do P. S. Beltrão, Josimar Coelho da Silva, Maria Cristina Dutra da Costa, Nélio Alberto F. Barbosa, Otávio Jordão Neto, Osmar Bahia Tavares, e Raimunda Lourdeh Farias da Cunha. Vinham de Boa Vista do Ramos para Parintins, um percurso 102.15 km em linha reta, Carmen Lucia Muniz Farias, Feliciano da Silva Barros, Gercília Barbosa Sampaio, Marlon Trindade Texeira, Raimunda Elivane Miranda Cardoso, e Sebastião José Costa. Os que migravam de Maués para a ilha tupinambarana³, entre 137.78. km em linha reta, eram Maria de Jesus Ferreira Corrêa, Maria Odinéa Pinto Flores (entrevistada), Maria Ruth Martins de Negreiros, e Vandetila Maria Fonseca Sarquis, essas conhecidas como grupo das Marias. Outro Município era Nhamundá, distante geograficamente a 48.81 km em linha reta para zona urbana

²A cidade de Parintins é conhecida geograficamente como uma ilha

³Uma das denominações atribuídas Parintins

onde iriam estudar, os acadêmicos eram esses, Isabel do Socorro Souza Tavares, Maria do Perpétuo Socorro G. Ribeiro, Raimunda de Souza e Souza, Rosemary Souza Ribeiro, e Suely Rodrigues de Souza Soares. São Sebastião do Uatumã é uma cidade que fica distante de Parintins entre 126.27 km em linha reta, mudavam se por um tempo determinado pelo estudo Antônio Bernardes Pimentel, Edenízia Cássia Gomes da Cunha, Maria Clara Melo da Silva e Solange Batista Moreira. A distância de Urucará para Parintins 114.27 km em linha reta, os personagens dessa trama real da Licenciatura em História, Ednei dos Anjos Marques, Felipe Antônio Neto, Jacilene de Souza



Oliveira, Maria Adaliza Braga Paes, Maria Elenice de Jesus S. dos Santos, Miriam das Graças Serrão de Oliveira, Selma Ribeiro Vieira, Soliege Maria Vieira dos Santos.

Era pelo barulho do barco e o tempo ditando o percurso da viagem que nossa entrevistada passava algumas horas dentro da embarcação, ao estabelecermos uma única pessoa percebemos durante a entrevista que nossa entrevistada sempre falava representando suas colegas mauesense até porque havia interatividade com essas, conhecidas como grupo das Marias.

Nos deslocávamos para a cidade de Parintins de barco, na época o barco Mestrão, por nome Mestrão. Ah... A gente saía daqui né (Cidade de Parintins)... de lá (Cidade de Maués) pra cá (Cidade de Parintins) sai seis horas (18:00), época de cheia, quatro da manhã estaria aqui... (Cidade de Parintins) (Maria Odinéa Pinto Flores, entrevista concebida no dia 07/07/2015).

O narrador pode até ser uma pessoa somente, mas suas representações através de suas falas são sempre significado além de si próprio. “Coletivo: a vida da comunidade, o bairro, o lugar de trabalho; greves, catástrofes naturais, rituais; participação coletiva em episódios “institucionais.”

(PORTELLI, 2008, p.197). E nesse lá e cá narrado que passavam a maior parte dos dias compartilhando seus acontecimentos em Maués e também em Parintins, dessa maneira numa relação de amizade que outros munícipes se confortavam na ausência da família amenizando a saudade de quem estava longe de suas presenças, e o mesmo rio que leva para distante era o mesmo que logo mataria essa aflição de poder retornar ao seu seio familiar, e mais ainda poder está de volta ao local costumeiro de suas relações sociais, a Professora Odinéa ao dizer o tempo percorrido da viagem tanto indo quanto voltando, nos deixa compreendidos que as horas que afastava de sua terra, seria recompensado com as horas na volta que prolongava um pouco mais, pois o barco Mestrão estava indo contra a correnteza.

Rio, barco, tempo de viagem, em fim uma cadeia de elementos que vão construindo a história desses sujeitos, as narrativas da Professora Odinéa é dar sentido a um momento que ainda iria ser vivido por quatro anos no vai e vem de uma faculdade em tempo modular, a sonhada férias de tanto dar aulas se transformava em estudos para quem precisava melhorar suas condições financeiras, por tudo isso que a História Oral tende a construir um história de pessoas que são atores reais dela, conhecendo o que viveram, as fontes escritas são incapazes de obter todas as subjetividades de cada indivíduo, para isso as narrativas somam unindo o útil ao agradável. (JOUTARD, S.D).

O ser humano é um ser que sabe o que quer, e tem autonomia para se impor a interesses que não os beneficiam, para isso criam discursos, justificando as suas subjetividades, partindo de um pressuposto particular ou coletivo, conflitando de frente com outras particularidades, é de se pensar que numa sala com cinquenta alunos onde a maioria não eram oriundos da localidade e uma minoria sendo, os conflitos pareceriam nas tramas das subjetividades entre a maioria e uma minoria. É neste contexto de desconfiança no que discursa que a história oral se presentifica dando voz a sujeitos que exercitam sua autonomia, ao escolher dizer o não dito. (FERREIRA e GROSSI, 2004, p.49). A Professora Odinéa diz sobre os conflitos:

Houve muitos conflitos devidos as, as aulas né, principalmente as aulas de, de sábado, com pessoal de Parintins com nós de outros municípios, porque dos outros municípios não queriam aula e os de Parintins queriam, devido a gente morar em lugares, queriam ir embora final de semana pra cidade aí ficava essa briga... (Maria Odinéa Pinto Flores, entrevista concedida no dia 07/07/2015).

Todas essas cidades desses universitários não se distanciavam muito, a mais distante era Maués, 175. 393 km num percurso de rio, mesmo assim ainda é considerada uma região próxima de Parintins. Estudavam cinco dias da semana, na sexta feira a ansiedade já estava no limite, nossa narradora com seus outros colegas já não viam a hora de atar suas redes no barco e poder passar um final de semana em suas terras-natal, enquanto os que moravam em Parintins por ter toda uma relação cultural, e social, entre a família e a rotina da cidade exigiam que as aulas se estendesse ao sábado, esse conflito nos reforça a pensar nos forte laços sociocultural que esses acadêmicos migrantes temporários tinham com seu meio ambiente, e o barco seria a solução mais adequada para sair um pouco da rotina na UFAM, atitude desses acadêmicos de outros municípios era movido tanto pela razão e emoção, quando se negam a estudar ao sábado, percebem um obstáculo atrapalhando o seus planos, à autonomia da nossa entrevistada juntamente com os dos seus colegas não parintinenses é de negação imediata ao receber essa notícia do professor que planejava dar à aula, talvez pelo professor ter um espírito democrática e também por compreender os fortes laços que seus alunos tinham com suas respectivas cidades, o comum acordo foi estender as aulas na semana pela parte da manhã, tarde e até mesmo a noite assim sobrando tempo para viajar no final

de semana, o sacrifício era ler vários conteúdos e de deixar as mão vermelhas de tanto manusear não seria em vão quando chegasse a tão esperada sexta feira.

É preciso notar, entretanto, que o historiador da atualidade não enxerga mais os fatos sociais como coisas e longe de buscar a estabilidade e a constância o que o interessa é justamente os pontos de conflitos, as inconstâncias, os processos desestabilizadores da ordem social, as ações de personagem que permaneceram mudos. (SILVA, 2010, p.02)

Quando se trata de morar e trabalhar distante de sua terra natal, no qual antes, as pessoas sempre foram acostumadas a viver e a conviver com os mesmos problemas e situações de certa forma comuns ao dia a dia, surge aí, novos desafios e oportunidades distintas, em que as pessoas precisam procurar se adaptar a um novo estilo de vida, e aprender a viver em um meio sociocultural distante de sua realidade, então, tendo assim de início certas dificuldades, isso aconteceu com alguns acadêmicos da primeira turma de Licenciatura em História a se formar no município de Parintins, oriundos de outros municípios, as dificuldades são muitas como podemos observar na fala da professora Odinéa que ao lembrar-se do custo de vida na cidade de Parintins na época, a entrevistada comenta:

...nem sempre era satisfatório a minha realidade financeira né, que às vezes as apostilas eram doadas pela, pela escola e outras vezes trazia outros livros que nós tínhamos que tirar e pagar, apostila. Alimentação a gente tinha que comprar né, se juntava a turma que morava junto, saía e fazia o rancho, essa era até uma certa estratégia nossa, se juntava a turma né que morava junto, doze, aí fazia o rancho isso no primeiro módulo. O salário que eu tinha de professora na época não dava pra suprir todas as necessidades então eu tinha ajuda né, do marido né, que se fosse só do salário do professor como até hoje, nunca dá sempre pra cumprir toda as necessidades né. (Maria Odinéa Pinto Flores, entrevista concedida no dia 07/07/2015).

A narrativa da professora Odinéa abriu uma discussão sobre o salário do professor durante e após sua formação, segundo seus relatos nos mostra, fazendo uma comparação entre passado e presente, em que não mudou muita coisa, relacionada à desvalorização do educador, pois ela compara os dois tempos, dizendo que o profissional da educação continua sendo mal remunerado, e que com ela e com outros colegas houve um desencanto quanto a sua profissão, devido o fato ser bem diferente do que foram levados a acreditar, e a realidade financeira na qual eles se encontravam na época não era suficiente para suprir certas necessidades como, livros para pesquisas acadêmicas já que os que tinham na biblioteca nem sempre davam para a precisão dos alunos devido à grande procura, pois o acesso à internet nesse período na cidade ainda era limitada.

Os diálogos que estabelecemos com as pessoas são portadores de sentidos, de subjetividades que necessitam ser analisados como indícios de memórias individuais sobre o vivido, que são, ao mesmo tempo, evidências das relações sociais no hoje e no ontem (CARDOSO, 2010, p.39).

Outro fator importante a se destacar era a questão da moradia e alimentação, onde os poucos que tinham familiares ou conhecidos na cidade pediam abrigo a essas pessoas e quem não tinha, como era o caso da maioria, enfrentavam o convívio com os colegas, já que não havia ajuda da universidade com casa do estudante ou até financeira, como é questão das bolsas oferecidas pela Universidade atualmente, onde estes que eram do mesmo município criavam estratégias para se ajudarem, como ela ressalta, isso ocorria no início da faculdade, e com alguns, continuaram pela amizade criadas com o tempo, moravam juntos e buscavam se apoiar nestes aspectos e até mesmo moralmente.

A entrevistada lamenta, o motivo de não haver em seu tempo de faculdade o restaurante universitário, “*mas não era assim como é hoje na UEA que é mais barato, no meu tempo não era assim não*” (Maria Odinéa Pinto Flores, entrevista concedida no dia 07/07/2015), acreditando que isso facilitaria bastante, pois reduziriam seus gastos. E nos relata, quando se tratava do lanche na universidade, quem não tinha o dinheiro não lanchava, esse era o momento “cada um por si”. Coma professora Odinéa podemos perceber. “São frequentes nas entrevistas alusões ou conotações do tipo: no tempo dos meus avôs, antes de eu nascer, no tempo em que eu era criança” (SOUZZA, 2011, p. 116). Desta forma há uma relação entre o passado vivido na universidade em comparação à vida acadêmica do presente, onde a mesma busca através da memória expor relações vivenciadas na época por ela e seus colegas, “*o relato está em todas as partes, ele aflora, ele triunfa ou ele se esconde detrás de um ‘por que’, como uma argumentação que tem por trás dela um mito*” (MONOD-BECQUELIN. 1984: 230 apud, FREIRE. 1992).

Afirmar sobre a memória suas relações com o presente ou sua parcialidade não significa dizer que as lembranças sejam incompletas ou equivocadas, no sentido de desqualificá-las como fontes para um trabalho acadêmico, mas sim que os documentos gerados com base nela são diferenciados e precisam ser interpretados nessa diferença. (RIBEIRO, 2007, p. 39).

As experiências vivenciadas pela professora Maria Odinéa, nos anos 2000 a 2004, anos em que a mesma cursou a faculdade de História em Parintins, a primeira a se formar no município, nos mostra uma parcialidade, sobre os diferentes acadêmicos de outros municípios que faziam o curso em Parintins. A partir daí, podemos traçar caminhos que nos levam a conhecer e compreender através das narrativas orais cedida pela mesma, o cotidiano desses acadêmicos vindos de fora, através de seu relato, a professora recorre a sua memória sobre a época, no qual podemos perceber que havia uma busca enorme de lembranças, principalmente quanto à comunicação relacionado à família, segundo ela:

...na comunicação com a família utilizávamos o Telefone público. Orelhão né, e com tempo aí surgiu o celular, era a forma de se comunicar com a família, a pessoa que eu mais me comunicava era com minha mãe, tanto que quando tinha vim embora, tudo que eu pensava já pensava na volta né, já pensava na volta eu voou, eu vou esse, esse, é modulo né?... Eu vou nesse módulo não sei se venho no outro, sempre pensando assim (M. Odinéa Pinto Flores, entrevista concedida no dia 07/07/2015).

Nos relatos da Professora M. Odinéa podemos compreender as dificuldades enfrentadas pela maioria dos acadêmicos de História, que precisavam deixar suas cidades natais, pra cursar a faculdade na cidade de Parintins naquela época, e que isso ainda vem refletindo nos dias atuais, no qual muitos dos vindos de fora não conseguem enfrentar esses problemas sem um apoio dos familiares, principalmente da mãe que é a pessoa em que mais passa certos acontecimentos junto de seus filhos e por isso conhece melhor essas dificuldades, a colaboradora nos relata as dificuldades na comunicação à distância, já que na época havia apenas o telefone público, o famoso “orelhão”, percebemos um esforço de lembrar essas histórias.

... Logo, quem trabalha com as memórias de uma pessoa conta das através de suas histórias pessoais- vividas, escutadas ou mesmo inventadas- está lidando diretamente com suas vivências sociais, em todas as suas dimensões. Estes registros podem ser considerados como uma memória pessoal e, nesse caso, individual. (MAUAD, e DUMAS, S.d)

A História de vida tem algumas vertentes, cada uma com seus conceitos, as de documentos escritos tradicionalmente pouco se valem de entrevistas, já a história oral de vida segue as emoções que o entrevistador faz durante a entrevista (MEIHY, 2008), “as histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrer acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador. (PORTELLI, 2008, p.298. apud, SILVA, 2010)

CONCLUSÕES

Ao nos apropriarmos da narrativa da Professora Odinéa, foi de proveito para nossa análise, pois buscávamos conhecer na entrevistada o máximo possível de como foi à realidade vivida por esses primeiros acadêmicos vindos de outras cidades, cada um carregando os seus hábitos, sua cultura, e sua forma de socializar, tendo que se adaptarem a uma nova realidade, todas essas representações foi possível pela memória da nossa entrevistada, nosso desafio estava em marcar uma data para entrevista com a nossa colaboradora, já que no primeiro momento não pôde ceder por motivo de se encontrar com um problema na garganta, resultante de uma virose e utilização de sua voz em sala de aula, compreensivos soubemos esperar até o dia em que a mesma pôde ceder à entrevista, no momento da gravação podemos perceber que os aparatos técnicos deixavam a professora um pouco nervosa, mas ao decorrer a mesma foi se sentindo a vontade. As análises feitas sobre entrevista no revela que a cidade no começo da implantação das Universidades na zona urbana, favorecia muito pouco a realidade financeira desses acadêmicos, claro não generalizando, para chegarmos a essa afirmação teríamos que ter entrevistados mais pessoas, porém estamos chegando numa possibilidade através da nossa entrevistada, socialmente nossa contribuinte já era acostumada com uma cidade muito maior do que a sua, onde se criou em um determinado tempo de sua infância juntamente com sua mãe, e há dez anos se fixou em Parintins, trazendo o marido e filhos, isso no último ano da sua graduação.

Nosso intuito foi fazer uma História Oral de vida, que no decorrer da fala da Professora Odinéa, precisaríamos identificar quem eram esses seus colegas e de onde partiam para chegar à cidade de Parintins até porque aguçava o nosso desejo de querer conhecer a rota percorrida até o destino procurado, depois disso é que verificaríamos as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, observamos que possivelmente a distância poderia contribuir para alguns empecilhos vividos que foram apresentados no corpo do artigo, e por fim queríamos compreender o convívio social com seus colegas parintinenses, onde mais uma vez a distancia foi fio da meada, causando o conflito não por diferenças culturais, assim afirmamos, mas sim por diferenças sócias na sede de querer matar a saudade de suas respectivas famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Nos Caminhos da História Social: Os Desafios das fontes Oraís no Trabalho do Historiador.** História & Perspectivas, Uberlândia, 2010.
Convite da colação de grau dos formandos de Licenciatura em História da cidade de Parintins ano 2004
- FERREIRA, Amauri Ferreira, GROSSI, Yone de Souza. **Nos Caminhos da História Social: Os Desafios das fontes Oraís no Trabalho do Historiador.** História Oral, 7, 2004.
Fontes Cartográficas IBGE 2010.
- JOUTARD, Philippe. **Desafios à História Oral do século XXI.** S.D.
<http://achedistancia.com.br/> acesso às 16h15min no dia 11/06/15.

- MAUAD, Ana Maria. DUMAS, Fernando. **Fontes Orais e Visuais na Pesquisas Históricas. Novos Métodos e Possibilidades Narrativas.** Organização. ALMEIDA, Juniele Rabelo de. ROVAI, Goveia de Oliveira. São Paulo: **Letra e Voz**, 2011.
- MEIHY, Carlos Sebe Bom, **PALAVRAS AOS JOVENS ORALISTAS.** Oralidades, 2008.
- PORTELLI, Alexandro. **Forma e Significado da Representação Histórica. A Batalha de Evarts e a Batalha de Crummies (Kentucky: 1931, 1941).** História & Perspectivas, Uberlândia, 2008.
- RIBEIRO, Suzana L. S. **Visões e perspectivas: documentos em História Oral.** Oralidade, 2007.
- SILVA, Patrícia Rodrigue da. **Viver é Lembrar: Memórias e Significados das Transformações Urbana em Manaus.** X Encontro Nacional de História Oral Testemunhas: História e Política, 2010.
- SOUZA, Leno José Barata. **Os Flutuantes Antes da “Cidade Flutuante”.** Fronteiras do tempo: Revista de Estudos Amazônicos, Junho de 2011.

